

Adoecimento docente e sofrimento psíquico em tempos de Pandemia de Covid 19

Teacher Illness and psychic suffering in times of the Covid 19 Pandemic

DOI:10.34117/bjdv8n5-060

Recebimento dos originais: 21/03/2022

Aceitação para publicação: 29/04/2022

Paulo Cesar Moreira

Doutor em Ciência Animal

Instituição: Universidade Federal de Goiás - UFG

Endereço: Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia - ICB 3; sala 227

CEP: 74690-900, Goiânia - Goiás - Brasil

E-mail: paulocesar@ufg.br

Daniele Lopes Oliveira

Doutora em Educação

Instituição: Faculdade de Piracanjuba

Endereço: Rua C180, Qd 44,LT 21, Jardim América, CEP: 74275-190 Goiânia - GO

E-mail: danielolopes_oliveira@hotmail.com

Heloisy Lopes Oliveira

Graduanda em Física Médica

Instituição: Universidade Federal de Goiás - UFG

Endereço: Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia – IF, CEP: 74690-900

Goiânia -GO

E-mail: heloisylopes14@gmail.com

Terezinha das Graças Laudares

Mestre em Ciências da Religião

Instituição: Instituto Sedes Sapientiae

Endereço: R. 3, número 800, St. Marista, 74115-050, Brazil, CEP: 74115-050

Goiânia - GO

E-mail: telaudares@gmail.com

Stephânia de Oliveira Laudares Moreira

Médica Pediatra

Instituição: Centro Universitário Alfredo Nasser - UNIFAN

Endereço: Avenida Bela Vista, 26, Jardim das Esmeraldas, CEP: 74912-261

Aparecida de Goiânia, GO

E-mail: ste.laudares@gmail.com

Augusto Cesar Malta Laudares Moreira

Médico

Instituição: Secretaria de Saúde de Goiânia

Endereço: Avenida do Cerrado, N° 999, Park Lozandes. CEP: 74000-000 Goiânia - GO

E-mail: acmlm.66@gmail.com

Mateus Paulus Ribeiro de Moraes Maciel

Médico

Instituição: Secretaria de Saúde de Goiânia

Endereço: Avenida do Cerrado, N° 999, Park Lozandes, CEP: 74000-000 Goiânia - GO

E-mail: mateuspaulusmaciel@gmail.com

Júlio Roquete Cardoso

Doutor em Biologia Celular e Estrutural

Instituição: Universidade Federal de Goiás - UFG.

Endereço: Avenida Esperança s/n, Câmpus Samambaia - ICB 6 sala 22. CEP:74690-900
Goiânia - GO

E-mail: juliocardoso@gmail.com

Eduardo Pires di Oliveira

Especialista em Fisioterapia

Instituição: Universidade de Rio Verde - UNIRV

Endereço: Avenida T-13 Qd. S-06, Lts.08/13. Setor Bela Vista, Goiânia, GO

CEP: 74823-440

E-mail: eduardo.pires@unirv.edu.br

RESUMO

O trabalho pretende discutir o adoecimento docente e o sofrimento psíquico causado pelas condições de trabalho. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o assunto e um levantamento de dados publicados pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017), Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE, 2018), OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, 2019), a fim de discutir as condições adversas que têm culminado nas patologias que afastam, impossibilitam ou prejudicam o trabalho docente a fim de colaborar para a construção de políticas públicas eficazes que melhorem as condições do trabalho docente.

Palavras-chave: adoecimento, trabalho, sofrimento psíquico, políticas públicas e saúde.

ABSTRACT

The work intends to study the teaching sickness and the psychological suffering caused by the working conditions. To this end, a literature review was conducted on the subject and a survey of data published by the World Health Organization (WHO, 2017), National Confederation of Education Workers (CNTE, 2018), OECD (Organization for Economic Cooperation and Development, 2019), among others in order to discuss the adverse conditions that have culminated in the pathologies that drive away, hinder or impair the teaching work in order to contribute to the construction of effective public policies that improve the conditions of teaching work.

Keywords: illness, work, psychological distress, public policies and health.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2017, o relatório publicado pela Organização Mundial de Saúde - OMS (2017), já estimava, que mais de 300 (trezentos) milhões de pessoas no mundo sofrem de

algum tipo de distúrbio relacionado a problemas psíquicos, que vão desde a depressão a outros tipos de transtornos emocionais e mentais. E que a doença pode incidir sobre pessoas de todos os gêneros, de todas as idades e se manifestar nos mais variados estilos de vida e classe social.

A depressão, pode ser desencadeada em diversos contextos. A depressão é mais do que uma tristeza prolongada.

Segundo a OMS (2017), “a depressão é caracterizada pela perda de interesse ou prazer nas atividades do cotidiano, sentimento de culpa, baixa autoestima, cansaço, alteração na concentração, distúrbios no sono e no apetite”.

Alguns eventos podem contribuir para desencadear a depressão, como problemas no trabalho (assedio físico e moral), problemas financeiros, desemprego, alcoolismo, drogadição, distúrbios familiares, problemas afetivos, bem como, eventos traumáticos a perda de um ente querido, o fim de uma relação amorosa e ou doença física.

No Brasil, de acordo com a ISMA (INTERNATIONAL STRESS MANAGEMENT ASSOCIATION), "cerca de 72% (setenta e dois), das pessoas inseridas no mercado de trabalho possuem alguma sequela ocasionada pelo estresse, sendo 32% (trinta e dois) delas o *Burnout*".

A síndrome de *Burnout* é uma psicopatologia diretamente relacionada ao trabalho. O nome de origem inglesa, que poderia ser traduzido para algo como “queimar por completo”, foi utilizado para caracterizar um estado de esgotamento físico e mental cuja origem está, notadamente, ligada à atividade profissional.

A dedicação exagerada ao trabalho é uma marca dos sujeitos que sofrem com essa doença, mas as suas manifestações podem variar desde os sintomas fisiológicas (como dores de cabeça, problemas gástricos, tremores, falta de ar, insônia), até profundas mudanças comportamentais, tais como: isolamento, agressividade, despersonalização, descaso consigo próprio e, em último estágio, até a depressão.

Os profissionais da área de saúde, alimentam a expectativa de que em 2020, com a inclusão do *Burnout*, na próxima edição da Classificação Internacional de Doenças (CID +11), a OMS, possa fornecer, mais informação e elementos para julgamento de causas trabalhistas relacionados à saúde mental, já que 92% (noventa e dois), das pessoas que apresentam a síndrome seguem trabalhando (OMS, 2017).

A lista é produzida pela Organização Mundial da Saúde e inclui não apenas doenças, mas condições de saúde.

O *Burnout*, é considerado até o momento como uma síndrome. Um fenômeno decorrente da atividade profissional que afeta a saúde, podendo estar associada ao emprego ou ao desemprego.

Por isso é importante estudar e conhecer as causas do adoecimento dos professores, pois esta e outras síndromes que vem surgindo a cada dia, estão intimamente relacionadas as atividades extenuantes no trabalho. Principalmente ao desgaste emocional e psíquico do trabalhador.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Secretaria de Estado da Educação de Goiás não possui dados consolidados sobre o adoecimento docente. Mas existem evidências do adoecimento docente.

Apesar do silenciamento dos órgãos públicos, os estudos acadêmicos realizados no Estado de Goiás trazem informações, desse adoecimento, no discurso dos professores, na insatisfação e por meio dos afastamentos e atestados, se percebe o adoecimento da classe. Assim, como a ação do próprio Sindicato dos Profissionais em Educação-SINPRO Goiás, evidência por sua atuação, a pauta, “compreendendo que o adoecimento físico e psicossocial é uma realidade cada vez mais presente” (SINPRO GOIÁS, 2019).

Paralelamente aos Ciclos de Debate, o SINPRO iniciou um trabalho de pesquisa junto às suas bases com o objetivo de realizar um levantamento preliminar das condições de trabalho e dos riscos de adoecimento físico e psicossocial dos professores e professoras que atuam nas instituições privadas de ensino em Goiânia e região metropolitana. Por meio do questionário “Levantamento dos riscos de adoecimento físico e psicossocial no trabalho do professor”, o sindicato almeja coletar dados que possam subsidiar a elaboração de políticas e ações direcionadas à saúde dos docentes.

O trabalho do professor é, hoje, considerado uma atividade com alto risco de adoecimento físico e psicossocial. Estudo realizado pelo Sindicato dos Professores do Distrito Federal - SINPRO-DF (2017), indica que quase 70% (setenta), dos professores consideram suas condições de trabalho insatisfatórias, e fatores como a fiscalização do desempenho, o ritmo excessivo de trabalho, a cobrança por resultados e a rigidez das normas na execução do trabalho pedagógico tornam-se fatores adoecedores e de alto risco psicossocial para o docente.

Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação - CNTE (2018), as doenças de natureza psíquica são hoje a segunda maior causa do afastamento de professores e professoras da sala de aula. Daí a importância desse debate.

O adoecimento e o sofrimento psíquico relacionados ao trabalho docente não é um fenômeno individual e isolado, cuja culpa deve ser atribuída ao professor que muitas vezes é obrigado a se afastar de sua atividade laboral.

A doença deve ser compreendida como um complexo processo que se inscreve no centro das relações sociais, políticas e econômicas do modo de produção da sociabilidade capitalista.

Os dados da CNTE (2018), aponta que 71% (setenta e um), dos 762 (setecentos e sessenta e dois), profissionais de educação da rede pública de várias regiões do país, entrevistados no início de 2017, ficaram afastados da escola após episódios que desencadearam problemas psicológicos e psiquiátricos nos últimos cinco anos.

Com o aumento da violência na escola a sensação de desconforto e desmotivação toma conta dos professores.

De acordo com dados da pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2018), sobre violência em escolas com mais de 100 (cem) mil professores, o Brasil lidera o ranking de agressões contra docentes. Dentre os professores ouvidos, 12,5% (doze virgula cinco), afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos.

A queixa dos professores está no estresse provocado por situações de insegurança, com 501 (quinhentas e uma), ocorrências, cerca de 65,7% (sessenta e cinco virgula sete), seguida pela depressão 53,7% (cinquenta e três virgula sete).

Segundo os dados da CNTE (2018), há pouco tempo, a perda de voz era a campeã entre as doenças que afastavam professores, mas fatores como deterioração das condições de trabalho e agressividade dos alunos, fez com que as doenças psíquicas se tornassem a grande queixa nos dias atuais.

A Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem TALIS (2018), divulgada pela OCDE (2019) revelou que, em um universo de 48 (quarenta e oito), países. Os professores brasileiros são os que recebem os piores salários. Além de serem os profissionais com o menor poder de compra, também não apresentam aumento salarial ao longo dos anos, ao contrário do cenário de outros países pesquisados, em que há aumentos salariais como parte de planos de carreira docente. A TALIS entrevistou cerca de 2.447 (dois mil quatrocentos e quarenta e sete), professores da educação básica e 184 (cento e oitenta e quatro), diretores de escolas brasileiras. Deste universo, 68% (sessenta e oito), dos diretores afirmaram já ter presenciado situações de *bullying* entre alunos, dado que corresponde ao dobro identificado pela OCDE (2018), em outros países. Os abusos

verbais e ameaças são realidade semanal para 10% (dez), das escolas brasileiras, enquanto a média mundial é de 3% (três). A pesquisa relaciona diretamente estes episódios aos níveis de estresse e permanência na profissão.

Reis et al. (2006), em seu estudo, afirmaram que "a profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho - OIT, como uma das mais estressantes, pois ensinar se tornou uma atividade desgastante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional".

Desgastes osteomusculares e transtornos mentais, como apatia, estresse, desesperança e desânimo, são formas de adoecimento que têm sido identificadas em professores (BARROS et al., 2007).

Pesquisadores do Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Violência (GREIVI), da Escola de Enfermagem de USP Ribeirão Preto - EERP (2018), criaram a cartilha "Violência Escolar: Ações de Intervenção e Prevenção". O material auxilia alunos, professores, familiares, diretores e outros funcionários a responderem de forma positiva em situações desse tipo, além de sugerir adoção de medidas preventivas que contribuam para a melhoria da saúde mental nas escolas.

Para entender o conflito basta imaginar algumas das atividades que fazem parte da rotina dos professores: aulas expositivas, preenchimento de relatórios, projetos, correção de tarefas, cálculo de notas, anotações de frequências, reuniões periódicas com diretores e famílias, e possíveis acúmulos de jornadas, com empregos em outras escolas.

Entre os fatores responsáveis pelo sofrimento docente estão a desvalorização do trabalho dos professores, desrespeito por parte dos alunos, baixos salários, salas superlotadas, péssima infraestrutura, pressão por produtividade e cargas horárias exaustivas.

O professor vem assumindo uma gama de funções, além daquelas tradicionalmente conferidas à especificidade de seu trabalho, sendo, ao mesmo tempo, desqualificado e sobrecarregado.

Estimulam o potencial de aprendizagem dos alunos, ensinam a conviver em sociedade, cobrem as lacunas da instituição escolar, garantem a articulação entre escola e comunidade, e buscam, por conta própria, sua requalificação profissional. E se crescem as funções assumidas pelos docentes, também as barreiras que os impedem de exercê-las parecem se multiplicar.

No que se refere à sobrecarga de trabalho e à saúde dos professores, dois elementos determinantes para a deflagração de processos de adoecimento podem ser citados. Um deles é a

diminuição ou a falta de tempo livre fora do trabalho para outras atividades da vida e para o lazer. O outro é a realização do trabalho em condições de estresse, que pode levar a implicações previsíveis para a saúde, porquanto expõe os trabalhadores a situações extremas (GOUVÊA, 2016, p. 208).

Outro fator de angústia são as restrições à autonomia dos professores impostas pelo governo federal vide Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de acordo com (ARAÚJO e SOUSA, 2013).

Gasparini, Barreto e Assunção (2005), observaram que no país, as causas do mal-estar docente estão relacionadas a males físicos como perda de voz e males psicológicos evidenciados por inúmeros tipos de transtornos mentais. E em alguns casos os distúrbios mentais e comportamentais desencadeiam dores físicas de complexo diagnóstico.

Penteado (2018, p. 02) contribui explicando que as pesquisas sobre o mal-estar dos trabalhadores em educação são estudadas em pesquisas nas áreas da “educação, psicologia, fisioterapia, enfermagem, fonoaudiologia, saúde coletivas, educação física, medicina, saúde coletiva, saúde do trabalhador, nas especializações em otorrinolaringologia, biologia, engenharia, ergonomia e áreas afins”. São pesquisas interdisciplinares enfatizando fatores de risco ambiental e focados na saúde do trabalhador.

É preciso salientar que há dois aspectos da problematização com relação à questão da saúde/adoecimento dos professores. Um é o derivado do afastamento do professor das suas atividades no trabalho, como já mencionado, e o outro, talvez o mais grave para a qualidade do trabalho escolar (e para o próprio professor), é o trabalho exercido mediante situações de adoecimento, o que remete à consideração de que há uma dimensão invisível do problema (GOUVÊA, 2016, p. 219).

Quando falamos em mal-estar docente não podemos ignorar que muitos professores utilizam da automedicação, o que pode ainda piorar o quadro, tanto no sentido de que este paliativo, possa dificultar o diagnóstico, como o agravamento progressivo da doença.

Para Codo (1999) e Silveira et al. (2014), “as inúmeras publicações sobre o Mal-Estar Docente, afirmam a prevalência elevada de problemas relacionados a saúde mental do professor”.

Esses estudos confirmam dados de pesquisas internacionais sobre o assunto (ESTEVE, 1999, 2014; PINO JUSTE, 2018).

Em seus estudos Dejours (1994) afirmou que “as relações humanas representam um fator importante, da carga psíquica, do trabalho”.

De acordo com Pereira et. al. (2009), o estudo associa as condições do trabalho docente às altas taxas de morbidade. Envolvendo nervosismo, ansiedade, *burnout* e distúrbios da voz como as enfermidades que mais acometem os docentes. E chega à conclusão de que faltam políticas públicas e ações que venham intervir na organização do trabalho docente.

Souza e Leite (2011), realizaram uma revisão em teses e dissertações e concluíram que a saúde mental é uma das morbidades que mais afetam os docentes, e que este aspecto tem sido muito estudado principalmente em pesquisas nas ciências médicas, psicologia e ciências biológicas. No estudo fica evidente que as situações mórbidas como disfunções vocais, estresse, depressões e outras doenças. Esse mesmo estudo mostra ainda pesquisas nas áreas médicas e da psicologia que dialogam com os problemas relacionados à saúde.

Ainda no estudo realizado por Silveira et. al. (2014) identificaram que os professores constituem uma classe profissional exposta ao estresse e aponta a necessidade de práticas avaliativas e interventivas que ajudem a compreender os processos que favorecem o bem-estar docente, a partir de técnicas relacionadas a mudanças no ambiente de trabalho a organização institucional ao desenvolvimento de habilidades e de recursos.

Para Reis et al. (2006), “ensinar é uma atividade, em geral, altamente estressante, com repercussões evidentes na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores”.

Na docência as mulheres são maioria, o que agrava ainda mais as condições de trabalho, já que as mulheres, geralmente, possuem uma dupla jornada de trabalho. De acordo com Rocha e Sarriera (2006, p. 191), “as tarefas que integram o trabalho doméstico são muito diversificadas quanto a sua complexidade, indo desde os serviços domésticos até o cuidado e a educação dos filhos. Soma-se a isso que o trabalho docente exige uma jornada dupla de trabalho”.

Tavares (2007) compreende que ser professor é uma das profissões mais estressantes na atualidade.

Geralmente as jornadas de trabalho dos professores são longas, com raras pausas de descanso e/ou refeições breves e em lugares desconfortáveis. O ritmo intenso e variável, com início muito cedo pela manhã, podendo ser estendido até à noite em função de dupla ou tripla jornada de trabalho. No corre-corre os horários são desrespeitados, perdem-se horas de sono alimenta-se mal, e não há tempo para o lazer. São exigidos níveis de atenção e concentração para a realização das tarefas. Quando o trabalho é desprovido de significação, não é reconhecido ou é uma fonte de ameaças à integridade física e/ou psíquica acaba por determinar sofrimento ao professor (TAVARES, 2007, p. 19).

Maslach e Leiter (1997, p. 129) afirmam que: “os indivíduos que estão neste processo de desgaste estão sujeitos a largar o emprego, tanto psicológica quanto fisicamente”.

Para Oliveira (2004, p. 1132), “o professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de desempenhar papéis que estão para além de sua formação”. Os profissionais têm que desempenhar as funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização e perda de identidade profissional.

“Os docentes encontram-se submetidos a processos cuja tendência é a mesma que para a maioria dos trabalhadores assalariados: proletarização” (ENGUIITA, 1989, p. 41).

Codo (1999, p. 57) discute sobre a importância do ambiente e das condições laborais para o sucesso do trabalho docente e como subterfúgio para evitar o processo de adoecimento psíquico do professor.

Para Oliveira e Santos (2021), "o cenário da educação tem buscado se reinventar e se adaptar as mudanças bruscas do ensino presencial para remoto. Portanto, discutir as causas do adoecimento mental docente em tempos de pandemia implica em dizer que esta condição social interfere significativamente no arranjo laboral".

Se o ambiente e as condições de trabalho são efetivamente hostis, a tendência é potencializar a possível dificuldade afetiva que o indivíduo venha a possuir, própria de sua estrutura de personalidade. Esta situação causa um grande desconforto para o sujeito e, em maior grau, pode ser desencadeadora de sofrimento psíquico.

3 METODOLOGIA

O trabalho buscou estudar o adoecimento docente e o sofrimento psíquico causado pelas condições de trabalho. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o assunto e um levantamento de dados publicados pela Organização Mundial de Saúde -

OMS (2017), Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação - CNTE, (2018), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2019), a fim de discutir as condições adversas que têm culminado nas patologias que afastam, impossibilitam ou prejudicam o trabalho docente a fim de colaborar para a construção de políticas públicas eficazes que melhorem as condições de trabalho docente.

Gil (2002, p. 17) define a pesquisa como "procedimento sistemático que tem como objetivo proporcionar as respostas aos problemas que são propostos". Para o mesmo autor "a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza em material previamente já elaborado, e a discussão que surge é a síntese da pesquisa bibliográfica levantada, pelo autor que dialoga com os resultados observados nas obras".

Realizou-se uma revisão bibliografia nas fontes (Livros, artigos científicos, dissertações, teses e infométricas), a fim de discutir o tema. Assim, o trabalho se prendeu a apresentar as informações mais relevantes e atuais sobre a temática por meio de uma revisão sobre os dados dos organismos que estudam e organizam as informações sobre as patologias que afetam o trabalho docente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se que o processo de adoecimento psíquico dos professores é multifatorial, mas todos estão relacionados as condições em que ocorre o labor docente.

O que é exigido hoje dos professores, e desumano. O professor na sua atuação tem que ser multitarefas e precisa a cada dia buscar aprimorar seus conhecimentos. E ao mesmo tempo precisa ter uma jornada dupla, tripla etc., de trabalho para poder sobreviver tendo em vista os baixos salários.

Antigamente o professor podia exercer sua mestria, possuía autonomia em suas decisões, havia dignidade na carreira docente. O ambiente era de respeito, cordialidade, consideração. Os alunos participavam, demonstravam interesse pelo conteúdo. Nos dias atuais, muita coisa mudou. As próprias transformações na sociedade e na forma de se comunicar. O avanço da tecnologia. O papel do professor, hoje, se resume a um mediador.

Somando-se a isso, temos ainda a falta de condições físicas e psicológicas que também afetam o trabalho docente, como turmas com uma quantidade excessiva de alunos, barulho exacerbado, faltam recursos pedagógicos, salas sem ventilação e climatização. Tendo como único instrumento de trabalho o quadro verde e o giz branco, e que em muitos casos, já está tão gasto, que não se pode mais utilizar.

Faltam banheiros, insumos higiênicos, não tem água nas dependências reservadas aos professores, e as condições físicas e ambientais são precárias.

Os professores ainda são duplamente responsabilizados pelos baixos rendimentos escolares dos alunos e por problemas como *bullying* e violência.

Além disso, os alunos trazem para a escola as questões econômicas e sociais, associadas a pobreza e abuso. O contexto no qual está inserida a escola passa por condições de miserabilidade, de alunos e familiares, vítimas de todos os tipos de violência. A fome ainda é realidade. Falta de moradia digna, falta de vestuário, trabalho infantil, drogas, prostituição, entre outros problemas, fazem parte da relação escolar. Assim, neste lugar revela-se, um cenário de lutas acirradas, transformando o espaço reservado para adquirir conhecimento em verdadeiros campos de batalhas.

A escola moderna tornou-se espaço para agressões físicas, verbais, emocionais. E assim o professor fica suscetível a todo tipo de doenças psicológicas, ocasionando em afastamento ou se forçado a continuar exercendo suas funções por questões diversas, que não lhes permitem as condições necessárias para um tratamento efetivo de suas mazelas.

Entendemos que não se pode educar enquanto a sociedade como um todo, não compreender que o professor, tem sua importância.

Portanto, importa que ele seja respeitado no exercício de suas funções, livre de violências, estresses e sentimentos negativos, que certamente têm sua parcela no processo de adoecimento dos professores.

Em sua pesquisa GOUVÊA (2016, p. 206-219), constatou um aumento na ocorrência do adoecimento físico e psíquico dos professores, “e que este adoecimento está associado a vários fatores como: violência, péssimas condições de trabalho, desvalorização salarial e profissional, péssima qualidade de vida e as complexas demandas dentro e fora da escola que aumentam a responsabilidade desse profissional”. Nóvoa (2017, p. 1106), considera que:

O desenvolvimento profissional docente deve ser visto como um projeto contínuo, interligando a formação inicial e permanente dos professores ao longo da carreira, influenciado por fatores relativos à própria pessoa do professor e a suas necessidades e especificidades em cada fase ou etapa, levando em conta as complexidades do trabalho docente e sua contextualização histórica, cultural, organizacional e institucional.

Assim entendemos que o adoecimento do professor precisa ser considerado dentro de um âmbito geral levando em conta as múltiplas situações que envolvem o tema. E

precisa ser estudado observando a pluralidade de fatores que circundam a realidade do professor e englobam a sua atuação profissional.

GOUVÊA, (2016, p. 206-219), na sua revisão sistemática permitiu traçar um panorama dos estudos brasileiros nos últimos anos de 2010 a 2015, investigando as condições de saúde mental dos professores. “O principal adoecimento mental investigado foi a síndrome de *Burnout*, já o estresse, a ansiedade, o esgotamento e problemas relacionados ao sono são os sintomas que mais apareceram nos estudos com professores”.

Nesse trabalho fica evidente que existe uma grande preocupação com a saúde dos professores. E que os dados da pesquisa evidenciam que é real o adoecimento dos docentes pelas péssimas condições de trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma necessidade premente de pesquisas sobre a temática em tela, bem como dados da Secretaria de Estado da Educação de Goiás para subsidiar ações preventivas contra o adoecimento docente.

Assim como políticas públicas que contribuam para melhores condições de trabalho e que dignifiquem a carreira.

É importante se pensar na implementação de um programa de qualidade de vida no trabalho através de ações que possam fornecer o acesso a segurança, saúde e melhoria do clima organizacional, incluindo as relações interpessoais e em consequência melhorar a saúde dos professores.

Esta temática é relevante, e necessita da implementação de políticas eficazes para evitar adoecimentos, afastamentos e combater as péssimas condições de trabalho, tendo por finalidade diminuir os fatores de risco associados à sua saúde física e mental.

A conclusão inevitável que chegamos e que precisamos de políticas educacionais que melhorem as condições de trabalho do docente.

Constatamos que a relação entre as condições de trabalho e o adoecimento psíquico de professores, é uma relação direta e extremamente estreita. Pois, o índice de transtornos emocionais cresce imensamente entre a categoria.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. M. B. F.; SOUSA, R. R. O Adoecimento Psíquico de Professores da Rede Pública Estadual: Perspectiva dos Docentes. XXXVI **Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro. 2013.

BARROS, M. E.; ZORZAL, D. C.; ALMEIDA, F. S.; IGLESIAS, R. Z.; ABREU, V. G. V. Saúde e trabalho docente: a escola como produtora de novas formas de vida. **Trabalho, Educação e Saúde**, 5(1), p.103-123. 2007.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO - CNTE. Retrato da escola: relatório de pesquisa sobre a situação dos trabalhadores (as) da educação básica. Brasília, DF, 2018. v. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/2VsLVx9>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

DIAS, E. C. (Org.). Ministério da Saúde do Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001. 580 p.

DIEHL, L.; MARIN, A. H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Est. Inter. Psicol.** vol.7 n. 2 Londrina dez. 2016.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2014. p. 93-124.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: Edusc, 1999.

GASPARINO, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2002.

GOUVÊA, L. A. V. N. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na agenda de uma entidade sindical. **Saúde Debate**: Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 206-219, Out-Dez 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. RELATÓRIO NACIONAL - INEP. **Pesquisa internacional sobre ensino e aprendizagem: Talis 2018**: primeira parte. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/resultados/2018/relatorio_nacional_talis2018.pdf. Acesso em 19 de dezembro de 2019.

INTERNATIONAL STRESS MANAGEMENT ASSOCIATION - SMA. Disponível em <https://www.ismabrasil.com.br>. Acesso em 22 de outubro de 2019.

MASLACH, C.; LEITER, M. P. **Trabalho: fonte de prazer ou desgaste**. Campinas: Papirus, 1997.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

OLIVEIRA, E. C.; SANTOS, V. M. Adoecimento mental docente em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.4, p. 39193-39199 apr 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. OMS, 2017. Disponível em <https://www.who.int/publications/pt/>. Acesso em 22 de outubro de 2019.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. 2019. Disponível em: <http://www.oecd.org/latin-america/countries/brazil/brasil.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

PENTEADO, R. Z. Autonomia do professor: uma perspectiva interdisciplinar para a cultura do cuidado docente. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 234-254, 2018.

PEREIRA, E. F. et al. Qualidade de vida e saúde dos professores de educação básica: discussão do tema e revisão de investigações. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 17, n. 2, p. 100-107, 2009.

PINO JUSTE, M. La salud ocupacional de los docentes no universitarios y su desgaste profesional. In: CANTÓN MAYO, I.; TARDIF, M. **Identidad profesional docente**. Madrid: Narsea, 2018. p. 183-197.

REIS, E. J. F. B.; ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M.; BARBALHO, L.; SILVA, M. O. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, v. 27. n. 94, p.229-253 2006.

REIS, E. J. F. B.; ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M.; BARBALHO, L.; SILVA, M. O. Docência e exaustão emocional. **Educação & Sociedade**, v. 27. N. 94, p.229-253, 2006.

ROCHA, K. B; SARRIEIRA, J. C. Saúde percebida em professores universitários: gênero, religião e condições de trabalho. **Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 10. N. 2, p.187-196, 2006.

SILVEIRA, K. A. et al. Estresse e enfrentamento em professores: uma análise da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p.15-36, 2014.

SINDICATO DOS PROFESSORES DO DISTRITO FEDERAL - SINPRO-DF. 2017. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

SINDICATO DOS PROFESSORES DO ESTADO DE GOIÁS - SINPRO GOIÁS. 2019. Disponível em: <https://sinprogoias.org.br>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

SOUZA, A. M.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e rep na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, 2011.

TAVARES, E. D.; ALVES, F. A.; GARBIN, L S.; SILVESTRE, M. L. C.; PACHECO, R. D. **Projeto de qualidade de vida:** combate ao estresse do professor. 2007. Disponível em http://www.unicamp.br/feef/espec/hotsite/gqve/TCC_GustavoElmaLuciaCi madon.pdf. Acesso em 21/abril/2019.